

As fomes



A Pobreza – Fresco de Domenico Di Bartolo (1443). Hospital Santa Maria della Scala, Siena. In DUBY, Georges – *Ano 1000 Ano 2000: No rasto dos nossos medos*. Lisboa: Teorema, 1997. p. 24.

Tal como as epidemias, as fomes eram as principais causas de mortandade, no Portugal medievo. A história registou duas crises de fome no século XII, uma em 1122 e outra em 1172.

Os invernos muito rigorosos, assim como os anos de seca provocavam naturalmente a escassez de alimentos, afectando, em primeiro lugar, os mais necessitados. Associadas às fomes, verificaram-se epidemias que, conjuntamente, contribuíram com enormes devastações populacionais, dada a sua recorrência.

Às epidemias, juntavam-se as guerras, dando origem a muitos casos de invalidez por ferimentos, mas também à destruição de habitações e ceiras. Em período de guerra, destruíam-se as searas feitas devido à passagem dos exércitos, assim como se encontravam dificultados ou impossibilitados de fazer as novas culturas.

Mas as fomes eram, sobretudo, uma consequência das más condições climatéricas. A partir da década de 40 do século XII, assistiu-se a um acréscimo da pluviosidade estival e outonal, que atingiu o máximo na década seguinte, tendo sido acompanhada por uma sucessão de invernos suaves. Depois, a Europa conheceu um ciclo de rigores inverniais e diminuição da humidade (1161-1170), outro com invernos suaves e precipitação intensa (1171-1191), e um terceiro com as características do primeiro, a partir de 1191. A última década do século XII mostrou-se anormal com anos bastante trágicos por toda a Europa ocidental, dando origem às fomes de 1194 e de 1198.

As duas primeiras décadas do século XIII registam Invernos acentuados, apesar da pouca pluviosidade estival e outonal. Depois deste período, a temperatura média anual voltou a subir, bem como subiram os valores de humidade, atingindo o seu máximo no decénio de quarenta. Então, de novo, um outro período frio e seco, alcançando dois picos máximos, em 1261 e 1270. A partir desta data, a temperatura e a pluviosidade ter-se-ão harmonizado, apesar de algumas oscilações menores, até ao início do século XIV, com um decénio de valores médios de pluviosidade e de pouco rigor invernal.

As crónicas portuguesas são bastante omissas no que diz respeito a informações climatéricas. O ano de 1175 deve ter conhecido uma fome no nosso país, pois foi mau em todo o Ocidente, desde a Inglaterra à Mauritânia, referindo-se ao mesmo um documento de Tarouquela. Uma outra fome, em 1189, também se reflectiu no reino. O Inverno do ano seguinte foi extremamente pluvioso e prolongado, persistindo as chuvas até 1 de Junho, com a destruição das searas. Sucedeu-lhe um Verão tão seco e longo que não se registaram chuvas até Janeiro de 1191. Rapidamente se associaram a fome e a peste, aquela já desde 1190, esta desde o estio de 1191 até 1197. Os anos de 1199 e 1200 parecem ter sido bastante pluviosos, não se obtendo boas colheitas, levando à escassez de cereais no reino,

seguindo-se, após as fomes, segundo rezam as crônicas, a habitual peste, no ano de 1202.

São extremamente vagas as correspondências com as crises agrícolas europeias de 1269-72, e ainda menos com os anos de escassez registados no Norte de África, e na parte da Península Ibérica, sob o domínio do Islão, em 1226, 1232, 1237-38, 1285 e 1293. Alguns indícios permitem-nos, porém, suspeitar terem sido maus anos agrícolas 1267, 1273 e 1275.

Deste modo, a centúria de Duzentos parece ter sido mais poupada às catástrofes naturais do que o século XII. Todavia, a dendroclimatologia revela os anos de 1205, 1208, 1211, 1236, 1245, 1271, 1288 e 1296, como particularmente secos.

Sendo a agricultura destes tempos muito sensível ao clima, nos excessos do frio ou do calor, da humidade ou da secura, as colheitas viam-se por vezes comprometidas. É certo que, no reino português não parece ter-se sentido a grande crise de subsistências da segunda década do século XIV, resultante da pluviosidade excessiva. Mas em 1331 e 1333, registaram-se maus anos agrícolas, devido à seca que, como em outras alturas, não deixaram de ter consequências negativas para a demografia, uma vez que implicavam a escassez de alimentos. Esta, por seu turno, determinava a subnutrição dos mais pobres e, conseqüentemente, a fragilização dos organismos, tornando-os mais acessíveis e expostos às epidemias.

Em 1355-56, ocorreu outra escassez de cereal, associada a terremotos, seguindo-se outras crises cerealíferas nos anos de 1364, 1371-1372, 1374-1376, 1384-1387, 1391-92, 1394, 1397-1400. Juntar-se-iam aos maus anos agrícolas, como causas da falta de alimentos, certamente a escassez de mão de obra resultante dos efeitos mortíferos das epidemias, assim como as perturbações políticas e militares dos reinados de D. Fernando e de D. João I.

Na centúria de Quatrocentos, a fome regressava ao termo torriense, devido a sucessivos anos de escassez cerealífera, como em 1436-41, associada ao surto epidémico de 1437-1439.

Muitas destas fomes e pestes associadas, sobretudo as mais brutais, eram, por vezes, interpretadas como castigo de Deus, desenvolvendo entre o povo um certo misticismo, recorrendo a práticas de magia. Outras vezes, porém, foram os judeus responsabilizados por tais catástrofes naturais.

Quer fossem as causas naturais, quer fossem fruto da acção do homem, certo é que não deixaram de contribuir para o aumento dos pobres e mendigos, marginais e deserdados da sorte, que se encontravam sob a capa da miséria. Todos eles provaram o sabor da fome.

SAIBA MAIS: SILVA, Carlos Guardado – *O Mosteiro de S. Vicente de Fora: a comunidade regrante e o património rural (séculos XII-XIII)*. Lisboa, Edições Colibri, 2002.